

Título: O saber escolar em José Lins do Rego – O menino de Engenho e Meus verdes anos

Conceição Aparecida Cabrini

Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica Pontifícia Universidade Católica -SP

“(…) *Contar histórias, sobre nós mesmo e sobre os outros, a nós mesmos e aos outros, é ‘a maneira mais natural e mais precoce de organizarmos nossa experiência e nosso conhecimento’*”

(BRUNER, J. *The Culture of Education* p. 121, in GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.171)

Esta comunicação se refere ao desenvolvimento de parte do projeto de doutorado - *Manual escolar como fenômeno da edição popular e da comunicação didática: do aprendiz ao escritor* - sob a orientação da Prof. Dr^a. Jerusa Pires Ferreira. Pretendo, com esse estudo, dar continuidade à dissertação de mestrado¹ “*Memória do livro didático: os livros de leitura de Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho*”. Neste trabalho, desenvolvi uma análise sobre os livros de leitura de Felisberto Pereira de Carvalho, com algumas preocupações, entre elas, a de perceber a partir da linguagem (escrita e icônica) e do sentido dos textos formativos, as possibilidades de difusão de um projeto social. Para tanto, foi importante verificar o papel do editor e as relações que se estabeleceram entre o autor e editor (editora Francisco Alves), na composição do objeto livro. Além disso, evidenciei alguns usuários que, quando crianças, em épocas e lugares diferentes, iniciaram o estudo elementar com os livros de leitura de Felisberto de Carvalho.

Os usuários dos livros de Felisberto de Carvalho apresentaram diferentes práticas de leituras interligadas com as suas experiências culturais. Isso possibilitou uma pluralidade de sentidos do texto, embora o autor encaminhasse claramente uma leitura coerente com o projeto social proposto.

Como o meu foco de investigação é o fenômeno da edição escolar como matriz cultural e vetor de comunicação proponho analisar a presença do livro escolar nas obras de José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Para tanto, dividi o projeto em três etapas: a) Do aprendiz da leitura ao escritor; b) Felisberto de Carvalho e Abílio César Borges (Barão de Macaúbas) um fenômeno da edição popular e da comunicação didática; c) a editora como difusora e matricial de imaginário – o exercício editorial (discurso oral/ escrito e imagem).

O que apresento agora, nesta comunicação, são as primeiras análises sobre o momento de aprendizagem e de leitura do texto escolar representado por José Lins do Rego nos livros: *O Menino de Engenho, Doidinho, Meus Verdes Anos*².

¹ CABRINI, Conceição- *Memória do livro didático: os livros de leitura de Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho*, : dissertação de Mestrado, USP-ECA,1994.

² REGO, José Lins – *O Menino de Engenho*- 32ªedição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.1983), *Doidinho*- Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.1983, *Os meus verdes anos* Ficção Completa. Vol. II. Rio de Janeiro:Editora Nova Aguilar S/A,1987).

José Lins, no romance *Menino de Engenho*, relata as experiências do personagem Carlos em sua primeira infância, no engenho de seu avô onde foi morar a partir da morte de sua mãe e a internação de seu pai. A iniciação à leitura é uma dessas experiências.

“Com a morte de Lili, tia Maria ficou toda em cuidados comigo. Proibiu-me da liberdade que eu andava gozando como um libertino. Passava o dia a me ensinar as letras. Os meus primos, esses, ninguém podia com eles.

Ficava eu horas a fio sentado na sala de costura, com a carta de abc na mão, enquanto por fora de casa ouvia o rumor da vida que não me deixavam levar. Era para mim, esta prisão, um martírio bem difícil de vencer. Os meus ouvidos e os meus olhos só sabiam ouvir e ver o que andava no terreiro. E as letras não me entravam na cabeça.

- *Nunca vi um menino tão rude, dizia asperamente a velha Sinhazinha.*
- *Tia Maria, porém, não desanimava, continuando com afinco a martelar a minha desatenção.”*³

A aprendizagem das primeiras letras para Carlos estava associada à falta de liberdade e à impossibilidade de dirigir o seu olhar para as coisas que estavam em seu redor. Para analisar essa questão recorri a Paul Zhumthor em a *Letra de a Voz -A Literatura Medieval*⁴. O autor observa que foi determinante no espírito da modernidade, mais do que a invenção da imprensa, a mudança na prática da leitura. A leitura silenciosa estabelece uma relação íntima entre o leitor e o texto e exclui o mundo exterior.

A dificuldade apresentada por Carlos em fixar o olhar no texto e memorizar as palavras lidas é a mesma dificuldade do homem no final do século XIV, no Ocidente, como aponta Zhumthor:

*“A leitura era a ruminação de uma sabedoria. Na decifração, as condições materiais da grafia colocavam quase um problema distinto para cada palavra, percebida ou pelo menos identificada (talvez não sem dificuldade) como uma entidade separada”*⁵.

Apartar-se do mundo exterior e disciplinar seu olhar para o texto é o que Paul Zhumthor nos fala sobre a “situação pura escritura - leitura”⁶, a qual procura eliminar do leitor as funções perceptivas e emotivas instalando como no cristianismo do final da Idade Média a chamada *devotio moderna*. Não havia entre o leitor e o texto uma relação corporal. Daí a resistência de Carlos ao texto. Fora da casa estava o mundo que ele podia ler e interagir de maneira plena, com seus ouvidos, seus olhos, enfim seu corpo, sentir assim, o prazer do “*rumor da vida*”.

Carlos não conseguia perceber o sentido do texto uma vez que este era dissociado daquilo que ele podia compreender. José Lins, no texto autobiográfico “Meus verdes anos”, relata que suas tias Maria e Naninha, após várias tentativas de ensinar-lhe as primeiras letras, resolveram passar essa tarefa para um professor.

³ Idem. *Menino de Engenho*. P.13

⁴ ZHUMTHOR Paul em a *Letra de a Voz -A Literatura Medieval*. São Paulo: Cia das Letras, 1993

⁵ Idem. Idem. P.105

⁶ Idem. *Performance, Recepção e Leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.

“(...) Meu primeiro mestre me ensinava as letras, a princípio com agrado. Aos poucos foi se aborrecendo e chegou até a gritar:

- Menino burro!

Aí apareceu Dona Judite, sua mulher, e corrigiu o nervoso do marido. Não havia jeito. As lágrimas corriam dos meus olhos e comecei a ter ódio do Dr. Figueiredo.

Não aprendi nada. 'É muito rude' – ouvi-o dizendo a Dona Judite. – 'Nunca vi menino mais rude' Aquela palavra rude se parecia com Rute. Ainda hoje as ligo. Era rude. Em casa perguntei a tia Naninha o que queria dizer rude.

É gente sem inteligência.(...)”⁷

Quando José Lins associou “*rude*” a “*Rute*”, essa palavra constituiu um primeiro sentido a partir do que ele já conhecia. Entretanto, o significado primeiro da palavra “*rude*” para José Lins foi desfeito pela tia, no papel de agente depositária de uma cultura, que deu um sentido para a palavra.

Clifford Geertz, cita Vigotsky para explicar a “*criação pessoal do sentido*” a partir dos agentes sociais:

“(...)O desenvolvimento do pensamento da criança’, escreveu há setenta anos Vygotski, o patrono desse tipo de trabalho, ‘depende de seu domínio dos meios sociais do pensar.(...) O uso de signos leva os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento, que rompe com o desenvolvimento biológico e cria novas formas de um processo psicológico baseado na cultura. “⁸

A associação da palavra *rude* a *Rute* poderia ter para José Lins um significado positivo, entretanto, quando ela foi decifrada por sua tia, o sentido de *rude* tornou-se uma aflição para o menino, agora acompanhado por outra professora:

(...) Na escola tudo ia muito bem. É verdade que não aprendia nada. Continuava o mesmo. Ouvia a cantoria das meninas e nada me entrava na cabeça.

*(...) A escola de Dona Donzinha continuava na mesma tirada. Meninas cantando as lições, e eu **rude** (grifo meu). No começo não me dei por achado. Depois é que comecei a temer. Seria mesmo aquela pedra, aquela cabeça de ferro sem que pudesse entrar nela uma letra, um número? A tia Naninha se preocupava muito, Ouvi Firmina dizendo: “Vai ficar como Seu Goiabão”. Senhorzinho Goiabão morreu de velho sem saber ler. Não houve mestre no Itambé que conseguisse ensinar uma letra. E falavam também de outro parente que pegara o nome de João Bê-á-bá que nunca pudera passar da carta de á-bê-cê. ⁹*

O que José Lins ou o personagem Carlos de *O menino de Engenho* e de *O Doidinho* pensava dele mesmo em relação à dificuldade de aprendizagem das primeiras letras era o que havia decodificado a partir do sentido dado por Naninha da palavra *rude*. Além disso, as histórias que ouviu de Firmina sobre pessoas que não aprenderam a ler, reforçava a idéia de ‘*gente sem inteligência*’ - “*as histórias são ferramentas, ‘instrumento (s) da mente em prol da criação de sentido*”¹⁰

Um sentimento de impotência para superar a dificuldade de aprendizagem da leitura toma conta de José Lins, a imagem de *rude* era-lhe muito forte:

(...)Botava a cartilha e a tabuada por baixo do travesseiro para ver se entrava alguma coisa na minha cabeça. E não comi mais queijo. Queijo fazia ficar rude. Até a negra Salomé se adiantava¹¹.

⁷ REGO. José Lins. *Meus verdes anos*.p. 1236.

⁸. GEERTZ, Clifford. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

⁹ REGO. José Lins. *Meus verdes anos*.pp.1237.

¹⁰ BRUNER, J. The Culture of Education p. 41. in GEERTZ, Clifford. Idem. p. 236).

¹¹ REGO. José Lins. Idem.p.1238

A aprendizagem escolar se colocava à parte das relações pluriculturais presentes no engenho. O texto escolar era determinado por regras que excluía a realidade dos sujeitos que aprendiam e ensinavam, e se distanciava da sensibilidade da leitura de mundo que o autor bem nos mostra em sua obra.

Por isso, para Bruner é importante trazer para o saber escolar:

*“(...)Modo de viver e pensar que construímos, negociamos, institucionalizamos e, por fim (depois de tudo acertado), acabamos chamando de ‘realidade’, para nos consolarmos”*¹²

Dessa forma:

*(...) Considerar até o bebê e a criança pré-escolar como agentes ativos, determinados a dominar uma forma particular de vida, a desenvolver um modo operacional de ser / estar no mundo, exige que se repense todo o processo educacional. Trata-se menos de dar à criança algo que lhe falta do que de facilitar algo que ela já tem: o desejo de dar sentido ao self e aos outros, o impulso de compreender que diabo está acontecendo.*¹³

O conhecimento adquirido no cotidiano de Carlinhos é interditado pelo *imprinting* cultural, (utilizando a terminologia de Edgar Morin.¹⁴) , sobretudo, nos procedimentos escolares. Essa separação de realidade múltipla do saber escolar uno será evidenciada no momento em que Carlinhos é levado para o colégio. (A vida escolar de Carlos no colégio de Itabaiana é narrado no livro *Doidinho*),

No dia seguinte tomaria o trem para o colégio. O meu tio Juca me levaria para os padres, deixando carta branca a meu respeito.

Acordei com os pássaros cantando no gameleiro. Tocavam dobrados ao meu bota-fora. E uma saudade antecipada do engenho me pegou em cima da cama. Vieram-me acordar. Há tempo que estava de olhos abertos na companhia de meus pensamentos. Uma outra vida ia começar pra mim.

- Colégio amansa menino!

Em mim havia muita coisa precisando de freios e de chibata. As negras diziam que eu tinha o mal dentro. A tia sinhazinha falava dos meus atrasos. Os homens riam-se das intemperanças dos meus doze anos.

- Menino safado, menino atrasado, menino vadio!

O meu puxado entrava e saíam sem ninguém dar conta por ele. Ia ficando bom com idade. E nada de Deus por dentro de mim. Era indiferente aos castigos do céu. Os lobisomens faziam-me mais medo. A minha religião não conhecia os pecados e as penitências. O pavor do inferno, eu confundia com os castigos dos contos de Trancoso. Tudo entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato. Ia para cama sem um pelo sinal e acordava sem uma ave-maria. O meu São Luís Gonzaga devia olhar com nojo para o seu irmão afundado na lama.

Agora o colégio iria consertar o dismantelo desta alma descida demais para a terra. Iriam podar os galhos de uma árvore, para que os seus brotos crescessem para cima.

- Quando voltar do colégio, vem outro, nem parece o mesmo.

Todo mundo acreditava nisto. Este outro, de que tanto falavam, seria o sonho da minha mãe. O Carlinhos que ela desejava como filho. Esta lembrança me animava para a vida nova.(...)

-Vá se vestir.

A minha mala segura na cabeça do Zé Guedes para a estação. Iríamos depois a cavalo. E nesta viagem, beirando os partidos de cana, passando pela porta dos moradores, a minha saudade se demorava por toda parte.

- O seu Carlinhos vai pro colégio.

E vinham os moleques olhar para mim. O tio Juca na frente, e eu, ronzeiro, sentindo em cada passo do Coringa o engenho que se ficava para trás.

¹² BRUNER, J. The Culture of Education p. 41., in GEERTZ, Clifford. Idem. P.186.

¹³ GEERTZ, Clifford, idem. 170

¹⁴ «O imprinting é um termo que Konrad Lorenz propôs para traduzir a marca inapagável imposta pelas primeiras experiências do jovem animal». In MORIN, Edgar. *O método IV, as idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização*.Portugal: Publicações Europa-América, Ltda. 1991.p 25.

Na porta de Zefa Cajá só se viam uns panos estendidos no sol. A casa de portas fechadas, e mulheres de pano na cabeça, no roçado de perto. Um sol de nove horas enxugava a terra ensolapada da chuva da noite. A enxada limpava o mato bonzinho de cortar. Os pés do povo deixavam o seu tamanho no barro mole da estrada. Lá vinha um moleque com uma carga de milho, com a folha verde arrastando no chão. Ia pra a canjica e as pamonhas da negra Generosa. (...)

(...)Todo esse movimento me vencia a saudade dos meus campos, dos meus pastos. Queriam me endireitar, fazer de mim um homem instruído, Quando saí de casa, o velho José Paulino me disse:

-Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende.

Eu não sabia de nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma lama mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompéia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.

*Menino perdido, menino de engenho.*¹⁵

Edgard Morin mostra a formação do conhecimento como uma teia ligada por todos os lados:

“à estrutura da cultura, à organização social, à práxis histórica”¹⁶ “o conhecimento é determinado por essa rede, e impõe “o que é necessário conhecer, como se deve conhecê-lo e o que não devemos conhecer. Ele comanda, proíbe, traça os caminhos, estabelece as margens, levanta barreiras de arame farpado e leva-nos até onde devemos ir”.¹⁷

Morin diz ainda que nas sociedades modernas as determinações “são de classe, de castas, de profissão, de seita, de clã. Essas determinações envolvem-se, interpenetram-se e reforçam-se umas às outras.”¹⁸. Entre as determinações do conhecimento, Morin cita as determinações da ideologia dominante e as doutrinas que “dispõem da força imperativa / coercitiva que leva a evidência aos convictos e o temor inibidor aos outros”¹⁹.

Constatamos, entretanto que na representação de José Lins o *Imprinting cultural* não ocorre de maneira total, pois não impediu o personagem/autor de apreender o conhecimento que veiculava oralmente no engenho onde viveu parte de sua infância. Segundo Morin, o *Imprinting cultural* “transita pelos espíritos individuais, que dispõem de uma autonomia potencial, e essa autonomia pode, em certas ocasiões, atualizar-se e tornar-se pensamento pessoal”²⁰.

O autor expressa o cotidiano (realidade) vivenciado no engenho, na construção dos personagens como moleque Ricardo (que será protagonista de outro romance – *Moleque Ricardo*-1935), Avelina, José Ludovina, Zé Guedes e a velha Totonha, entre outros.

O outro mestre que eu tive foi o Zé Guedes, meu professor de muita coisa ruim. Levava-me e trazia-me da escola todos os dias. E na meia hora que ficava com ele, de ida e volta, aprendi coisas mais fáceis de aprender que a tabuada e as letras. Contava-me tudo que era história de amor, sua e dos outros.

- Ali mora Zefa Cajá.

E lá vinha com os detalhes, com as coisas erradas da vida desta mulher. Às vezes parava na porta, e era uma conversa comprida, cheia de ditos e de sem-vergonhices.

¹⁵ *O Menino de Engenho*.. pp 88-91.

¹⁶ MORIN, Edgar. *O método IV, as idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. Portugal: Publicações Europa-América, Ltda. 1991. P 23

¹⁷ Idem. Idem. P.24

¹⁸ Idem. Idem. P24

¹⁹ Idem. Idem. P24

²⁰ Idem. Idem. P.23

- Olha o menino, Zé Guedes! Ô homem desbocado!

Mas ele pouco se importava comigo. Eu mesmo gostava de ouvir o bate-boca imundo. Pelo caminho o moleque continuava nas suas lições, falando de mulheres e de doenças -do- mundo. E nome por nome ele dava de todas as doenças: cavalo, mula, crista-de-galo. (...)

(...) Eram assim as minhas lições de porcaria com aquele mestre que não se contentava com o lado teórico de seu magistério e também dava as suas lições de coisas. ²¹

Há assim, segundo Morin, atenuantes do *imprinting* cultural que se manifestam através da dialogia, do “calor” e da “possibilidade de expressão de desvios”.

Sem negar a existência do *imprinting* cultural do grupo social dominante dos senhores do engenho, no cotidiano vivido por José Lins e narrado em seus livros, há expressão do encontro e da comunicação pluricultural, José Lins representa essa questão e o conflito da diversidade, quando narra a transformação do engenho em usina, como em *Bangüê*, *Moleque Ricardo*, *Usina*, *Fogo Morto*. Assim, segundo Morin:

“(...) o encontro de idéias antagônicas cria uma zona turbulenta que abre uma brecha no determinismo cultural; pode originar, em indivíduos ou em grupos, interrogações insatisfações, dúvidas, reticências, busca.” ²²

Essa discussão nos leva a refletir sobre as diferentes formas de leitura de um texto, que se por um lado, pode inibir os “ruídos da vida” que contêm a diversidade, (isso ocorre na leitura escolar marcada por um determinismo, como mostrou José Lins, sobretudo, no *Doidinho*), por outro, verifica-se as brechas discutidas por Morin. Por exemplo, José Lins do Rego, em *Meus verdes anos*, relata momentos prazerosos da leitura. Uma leitura compartilhada, onde o rumor da vida não se separava do texto lido. A tia Maria lia o jornal que era escutado e ao mesmo tempo comentado. Os assuntos de diferentes natureza entrelaçavam-se com a leitura de tia Maria.

“(...) A ceia viria mais tarde. Estavam em cima da mesa do aparador os bules de chá nos abafadores bordados de vermelho e azul. A velha Janoca punha-se a espirrar como se marcasse as horas. Era sempre assim de manhã e à boca da noite. Apareciam os jornais do Recife, a tia Maria passava a ler os folhetins, a tia Naninha escutava aquela leitura embevecida. E as notícias do cometa punham um tom de terror às conversas. Os jornais davam detalhes do que seria o fim do mundo. Ficava-se em torno da mesa a escutar tia Maria na leitura.

O meu avô ouvia a conversa do feitor Chico Marinho com informações sobre o serviço. (...)” ²³

O tom da leitura de tia Maria e a participação dos ouvintes davam uma materialidade ao texto, que envolvia a todos. A oralidade e o “elemento performancial na comunicação” (usando as palavras de Paul Zhumthor - Performance, Recepção e Leitura) não eram perdidos. Dessa forma havia o prazer da leitura na produção de sentido coletivo do texto.

Percebe-se nos livros citados de José Lins outros atenuantes ao *imprinting* cultural do texto, por exemplo, nas histórias narradas pela velha Totônia.

“(...)A voz da velha Totônia enchia o quarto, povoava a minha imaginação de tantos gestos, de tantas festas de rei, de tantas mouras-tortas perversas. Tinha a

²¹ *O Menino de Engenho*. 32ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.1983. pp 25-26

²² MORIN, Edgar. Idem. P. 28

²³ REGO. J.L. *Meus verdes anos*. P.1196.

velha um poder mágico na voz. Era sogra do mestre Águeda, tanoeiro, um negro que mal abria a boca para falar. Tinha para mim um poder de maravilha tudo o que saía da boca murcha da velha Totônia.

- Conta outra.

*E ela contava. E os príncipes pulavam das suas palavras como criaturas de carne e osso. (...)*²⁴

Entretanto, as histórias de Totônia tinham cumplicidade com o texto escrito, pois segundo Jerusa Pires Ferreira, ao estudar a poesia popular do Nordeste brasileiro conhecida como literatura de cordel, fala, por exemplo, do livro *História do Imperador Carlos Magno*:

Totônia contava as histórias que lhe haviam sido transmitidas e estavam armazenadas na memória - o elemento de transmissão era a oralidade. Entretanto, as histórias de Totônia tinham cumplicidade com o texto escrito.²⁵

*Este livro, como se sabe, teve um destino excepcional nas literaturas da Península Ibérica e em sua extensão colonial, a partir das versões de Nicolas Piamonte na Espanha, em data anterior, e Jerônimo Moreira de Carvalho, em Portugal no século XVIII. Um texto muito repetido, em inúmeras edições que chegaram ao Brasil, edições mais ou menos extensas, mais completas e facilitadas pelas editoras populares portuguesas e brasileiras.*²⁶

O livro *História do Imperador Carlos Magno*, que figura entre os poucos livros lidos nos sertões do Brasil, foi recriado, reinventado de inúmeras maneiras em poesia e prosa e transformados em folhetos de cordel “que se celebrizaram por irem servindo de motivação para novas oralidades”.²⁷

Assim, Totônia introduz elementos culturais do meio em que vive ao falar da história da princesa encantada pela moura-torta,

“(...)e a pobrezinha voou para longe como uma rola de voz macia e doce que nem um torrão de açúcar.”

(...) E cantava todo o dia quando o rei vinha tirar uma soneca na rede do alpendre do palácio”.

(...) Uma tarde estava o rei bem espichado na sua rede, quando uma voz mais fina que de um fio de água foi-lhe dizendo (...)

(...)Vem para mim, passarinho que tens voz de algodão.

(...) Nos confins do mundo a moura-torta estourou como um papa-vento.

*(...) E houve festa até para os negros cativos.”*²⁸

É o que Jerusa afirma ao fazer referência a Ramon Menendez Pidal sobre as “variantes em sua ação constante e ininterrupta na tradição do romanceiro popular. Diz Pidal (...)a forma de um poema tradicional é algo fluido, que se adapta ao gosto e à sensibilidade de cada recitador como um líquido toma a forma de vaso em que é colocado”²⁹. (

²⁴ REGO. J.L. *Meus verdes anos*. P.1205.

²⁵ José Lins do Rego compilou parte dessas histórias e transformou em um livro de contos infantis: REGO. J. L. *Histórias da velha Totônia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1981).

²⁶ FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em Cordel- o passo das águas mortas*. São Paulo: Hucitec, 1993. P.XVI

²⁷ Idem. Idem. p. XVI

²⁸ REGO. J.L. *Meus verdes anos*. P1205-6.

²⁹ FERREIRA, Idem. Apud Nascimento, Bráulio., P14

A relação oral e escrita concretiza-se também nos textos de José Lins, quando ele transforma em livro (*Menino de engenho, Doidinho, Meus verdes anos, Histórias da velha Totônia*) as histórias que apreendeu em seu cotidiano. O autor expressa o seu inconformismo com o saber escolar uno na representação múltipla de seus personagens, como diz Morin :

*“Em qualquer sociedade, qualquer comunidade, qualquer grupo, qualquer família, há diferenças muito grandes de um indivíduo para outro no que se refere à aceitação, integração, interiorização da Lei, da Autoridade, da Norma, da Verdade estabelecidas. Por isso, há por toda a parte uma minoria de desviantes potenciais, e dentro dessa minoria há uma minoria que pode marginalizar-se, ou eventualmente revoltar-se”*³⁰

Por isso o ser humano, segundo Morin, “é ao mesmo tempo sujeito e objeto de sua própria construção e do mundo”,³¹.

A força criativa do artista não está aprisionada às suas raízes, mas é a fonte de sua criação. O autor encontrou em sua vivência os fios condutores da sua escrita, (trouxo fragmentos da cultura brasileira) não a partir de modelos importados, mas constituídos pelas representações culturais presentes em sua memória. Ao mesmo tempo, fez de sua arte um elemento constituinte da cultura brasileira.

Podemos encontrar alguns pontos comuns entre V. S. Naipaul e José Lins do Rego. Naipaul no livro *Leer y escribir*, relata o seu processo de escrita, desde a primeira aprendizagem em Trinidad, até fazer dela a sua profissão. Era seu desejo, desde a infância, tornar-se escritor. Quando recebe uma encomenda de um editor americano para escrever sobre a colônia, uma série que a editora estava preparando para viajantes, o autor depara com uma questão:

*“Descubrí que no existía una historia local que consultar. Solo había unas cuantas guías en las que se repetían ciertas leyendas. La colonia no había sido importante; su pasado había desaparecido”*³²

Ele investiga em documentos (crônicas de viajantes, documentos oficiais britânicos) a reconstituição do passado da colônia a partir do olhar do colonizado e traz para o seu texto aqueles que foram omitidos:

“En los documentos busqué a las personas y sus historias”.³³

De sua experiência de buscar em documentos uma outra história, aquela que não foi contada na escola porque os sujeitos nela presentes foram excluídos, Naipaul encontrou um caminho para a sua escrita a partir de então:

*“(…) apliqué la técnica que había aprendido – examinar múltiples huellas hasta llegar a un relato humano central - a los libros de viajes (o, más exactamente, de investigación) que escribí durante los treinta años siguientes”*³⁴

³⁰ MORIN, Edgar. p.30

³¹ PETRAGLIA, Izabel Cristina. Edgar Morin. *A educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.*

³² NAIPAUL. V.S. *Leer y escribir: una versión personal*. Tradución de Flora Casas. Madrid. Editorial Debate, 2002. P. 60

³³ Idem.Idem. P.61

³⁴ Idem.Idem. p.66

Esse procedimento possibilitou, segundo o autor alcançar o que a ficção não alcançava, ou seja, adentrar na cultura e descobrir a sua multiplicidade com a qual encontrava pontos de identificação. Assim como a cultura é viva a sua literatura “avança continuamente” em forma e conteúdo.

José Lins do Rego e Naipaul procuram transportar a vida e a alma para o papel. Para eles a arte se faz com simplicidade, com vontade de tudo exprimir. Buscavam no seio da cultura a sua multiplicidade, recusavam o dogma e a certeza, sejam eles estilísticos ou políticos.

Assim, José Lins do Rego consolida a posição de escritor que, conectado ao seu tempo desenvolve a sua arte a serviço da humanidade e, como tal, a encaminha para a libertação real do homem. Por isso o José Lins, no artigo *Posição do escritor*, diz que “a participação política do homem de letras perante as questões da sociedade seria: (...) a de não ser inteiramente absorvido pelo social, de permanecer, por definição, como símbolo e testemunho da liberdade. Não só da sua arte, mas da liberdade de cada um, da liberdade de todos os homens. Viver no mundo como se não estivesse no mundo; viver na cidade, como um problema vivo (...) [A criação] não é uma maná do céu, mas obra do homem, o seu sangue, os seus nervos, a sua vida.”³⁵

³⁵ REGO. José Lins. *A casa e o homem*. Rio: Edição da Organização Simões. 1954.P.182